



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**Pró-reitoria de Ensino de Graduação - PROEG**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**  
**Campus Avançado de Pau dos Ferros – CAPF**  
**Departamento de Letras Estrangeiras – DLE**  
**Curso de Letras Língua Inglesa**

**CLARA MILENA LOPES FEITOZA**

**MONOGRAFIA**

**JULGAMENTO DO CARÁTER DE JESUS CRISTO: UMA ANÁLISE  
SISTÊMICO-FUNCIONAL DO EVANGELHO DE JOÃO.**

**Pau dos Ferros**  
**2024**

CLARA MILENA LOPES FEITOZA

**JULGAMENTO DO CARÁTER DE JESUS CRISTO: UMA ANÁLISE  
SISTÊMICO-FUNCIONAL DO EVANGELHO DE JOÃO.**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva Santos

PAU DOS FERROS

2024

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L864j    Lopes Feitoza, Clara Milena  
          Julgamento do caráter de Jesus Cristo: Uma análise  
          Sistêmico-Funcional do evangelho de João. / Clara Milena  
          Lopes Feitoza. - Pau dos Ferros -RN, 2024.  
          40p.

          Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva  
          Santos.

          Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
          Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).  
          Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

          1. Linguística Sistêmico Funcional. Avaliatividade.  
          Julgamento. Evangelho de João. Jesus.. I. Silva Santos,  
          Francisco Roberto da. II. Universidade do Estado do Rio  
          Grande do Norte. III. Título.

## TERMO DE APROVAÇÃO

### JULGAMENTO DO CARÁTER DE JESUS CRISTO: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DO EVANGELHO DE JOÃO.

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: 29/02/ 2024

 Documento assinado digitalmente  
FRANCISCO ROBERTO DA SILVA SANTOS  
Data: 14/03/2024 15:13:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

EXAMINADORA

---

 Documento assinado digitalmente  
JACIARA LIMEIRA DE AQUINO  
Data: 19/03/2024 20:22:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva Santos  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
Orientador

---

Profa. Dr. Jaciara Limeira de Aquino  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
(UERN) 1º Examinador(a)

*Ana Paula Santos de Souza*

---

Prof. Ma. Ana Paula Santos de Souza  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
(UERN) 2º Examinador(a)

## RESUMO

A bíblia sagrada é considerada o livro do ocidente e regra de fé e prática para a tradição cristã, tornando-se também interesse de estudos acadêmicos que abordem seus significados, conservando o contexto de uso e produção. Diante disso, esta pesquisa documental qualitativa-interpretativista (Creswell, 2007) tem como objetivo compreender de que maneira o caráter de Jesus é avaliado por interactantes de diferentes posições sociais no evangelho de João, a partir de critérios de Julgamento. Para isso, essa pesquisa tem como aporte os estudos sistêmico-funcionais (Halliday e Matthiessen 2004; Fuzer e Cabral 2014; Halliday e Matthiessen 2014) com foco no sistema de Avaliatividade (Martin e White 2005; Vian Jr 2009; Fuzer e Cabral 2023; e Oliveira 2013). Foi observado, portanto, que a conduta de Jesus político e socialmente é tida como positiva, e que sua boa fama percorre desde suas relações diretas, até as multidões que apenas ouviam falar a seu respeito. As categorias que mais se destacaram na avaliação foram Normalidade, Capacidade e Tenacidade. Quanto a sua identidade como Enviado de Deus, dois dos quatro grupos o reconheceram conforme a defesa de João.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico Funcional. Avaliatividade. Julgamento. Evangelho de João. Jesus.

## **ABSTRACT**

The Holy Scripture is considered the western book and guide to faith and practice in cristian tradition. However, In matters of academic works that deal directly with contextual production and its meaning, the number is insufficient. Thereby, this documental qualitative research aims to bring up Linguistic Functional Grammar studies(Halliday and Matthiessen 2004;Fuzer and Cabral 2014; Halliday and Matthiessen 2014) focusing on Appraisal system in order to comprehend how does Jesus is evaluated on the gospel of John, according to judgment criteria. In summary, it was observed that Jesus' behavior politically and socially is taken as a positive evaluation. Besides, his good reputation is seen from the ones who are close to him, till strangers who shortly get to know him. The criteria most used to evaluate Jesus were Normality, Capacity and Tenacity. Concerning identity as the Son of God, Jesus was seen as the Messiah for two groups of people.

**Keywords:** Systemic Functional Linguistics. Appraisal. Judgment. Gospel of John. Jesus.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividades semióticas	11
Figura 2 – Estrato do contexto e língua 1	11
Figura 3 – Discurso na LSF	12
Figura 4 – Organização do subsistemas de atitude	16
Figura 5 – Recursos linguísticos da estima social	17
Figura 6 – Recursos linguísticos da sanção social	18
Figura 7 – Relação da modalização com os recursos de Julgamento	19

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO:</b>	<b>8</b>
<b>2. LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL</b>	<b>12</b>
2.1 Concepções gerais	12
2.2 Sistema de Avaliatividade	17
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>23</b>
<b>4. AVALIAÇÃO DE JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO SOB OS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO: A DEFESA DO CARÁTER DE JESUS CRISTO</b>	<b>25</b>
4.1 - A mulher samaritana e o povo de Samaria	26
4.2 Amigos de Jesus	28
4.3 Os judeus religiosos	31
4.4 Julgamento por Pilatos	33
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO:

A Bíblia é o livro mais vendido do mundo e é considerado o livro do ocidente. Essa afirmação, ao passo que revela sua importância e influência histórico-cultural, gera discussões acerca de sua veracidade e possibilidades de interpretação. Devido a essa amplitude de visões da Bíblia Sagrada, essa pesquisa terá como foco a perspectiva do cânon protestante, a saber, a tradução Almeida Corrigida e Fiel, por compreender que este público tem tal livro como fundamento principal de sua fé, atribuindo, assim, relevância social à obra.

A tradução escolhida foi inicialmente traduzida por João Ferreira de Almeida, pastor e o primeiro a traduzir as escrituras sagradas para o Português. Ademais, de acordo com a Sociedade Brasileira da Bíblia (SBB), as traduções de Almeida são utilizadas por 60% da comunidade evangélica do Brasil. Isso se dá por sua fidelidade ao texto original, traduzido do hebraico para o Grego, chegando assim ao Português. Tal característica atribuída à Almeida é vista em Pereira (2023), que reforça em seu trabalho sua escolha pela tradução por manter o termo hebraico referente a divindade “mammom”, enquanto outras traduções optam por substituir o termo por um outro de sua cultura. Santos e Silva (2015) também fazem uso de uma versão Almeida para lidar com o uso de um conceito presente no evangelho de Jesus escrito por Lucas em uma análise interdiscursiva. Uma versão da ACF é ainda utilizada por Florencio (2016), em comparação a uma outra tradução que mantém uma aproximação à linguagem contemporânea, evidenciando a preservação desta primeira por termos do texto original.

Se tratando da Bíblia Sagrada, além de pesquisas teológicas que o têm majoritariamente como base, é comum sua aparição como objeto de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento, como antropologia, literatura e linguística, a exemplo dos citados até então, que compõem trabalhos do âmbito da linguagem e da filosofia, e fazem uso apenas de uma especificidade pública para fazer uma crítica social a um termo específico (Santos e Silva 2023); para uma comparação entre traduções (Florencio 2016); ou ainda com a finalidade de contextualizar um termo presente na bíblia, mas que será tratado com outras finalidades, tirando assim o foco do livro como objeto de estudo.

Além dos trabalhos até então citados, há ainda Gonçalves (2006) cujo foco linguístico está na análise do discurso e a construção do *ethos* nas parábolas de

Jesus. Entretanto, apesar de tomar a bíblia como corpus para análise e fazer uso das temáticas poder e afeto, que estão presentes na LSF, essa pesquisa não contempla a linguística sistêmico funcional como aporte teórico, uma vez que mantém foco na linha de Análise do Discurso Francesa.

Já no que diz respeito às análises em uma perspectiva com foco no sistema de Avaliação, encontram-se trabalhos como os de Borges e Parreira (2020), que analisam um gênero textual do contexto evangélico, o hino “eu cuido de ti”, com interesse em entender o papel social do público alvo da música em questão, a saber, o cristão protestante. A pesquisa conclui que o ser humano é visto como um ser dotado de fragilidades e impotência, experienciando assim reações negativas no que diz respeito à vida do ser cristão, e experiências positivas no que tange à sua devoção à Deus, divindade central da vida cristã, além de ser o agente que promove esperança de mudança para seu povo.

O presente trabalho, por outro lado, toma a bíblia como objeto de análise, delimitando a análise ao quarto evangelho do novo testamento, o livro de João. Para tanto, é essencial a compreensão do contexto em que se inserem as passagens a serem analisadas. A relevância desse conceito se dá pela dupla necessidade, tanto do objeto a ser estudado, quanto da teoria utilizada para fundamentar o estudo. É conhecendo o *contexto cultural*, que será possível conhecer o lugar social de cada personagem analisado, assim como as práticas comuns da época, e o *contexto situacional* para interpretar as escolhas linguísticas dos falantes (Halliday, 1994; Thompson, 2014). Essas noções são abordadas pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria utilizada para análise do corpus selecionado.

Um questionamento feito por Jesus Cristo, a figura mais importante de toda a Bíblia Sagrada, é tido como motivação para este trabalho: "Quem dizem as multidões que eu sou?(...) mas vós, quem dizeis que eu sou?". A pergunta feita aos discípulos por seu mestre gera discussões acerca da sua identidade a partir da visão de terceiros, tornando assim, necessária a compreensão da estima e sanção social no contexto bíblico acerca de Jesus Cristo. Isto, pela carência de estudos bíblicos de cunho linguístico que contemplem o contexto histórico sob a hermenêutica Bíblica.

Há muitos trabalhos acadêmicos cujo objeto de pesquisa é a Bíblia, dentre eles, com foco nos evangelhos, está Gonçalves (2006) cujo foco linguístico está na análise do discurso e a construção do *ethos* nas parábolas de Jesus. Já no âmbito da LSF, não há trabalhos que contemplem esse livro, sendo mais comum este ser o corpus de trabalhos com foco na literatura.

Portanto, dada a amplitude de possibilidades de interpretação do contexto bíblico, considerando que este livro é utilizado primordialmente para a prática da fé cristã, faz-se necessário um estudo em uma perspectiva que aborde a visão cristã de seu contexto, para que seja melhor compreendido, por essa razão, os parâmetros que melhor se adequam à análise desse corpus, são advindos da Linguística Sistêmico-Funcional.

A Linguística Sistêmico-Funcional, além de contribuir com as definições de contexto, também norteiam a concepção de linguagem empregada neste trabalho, sendo esta vista como um sistema complexo organizado em estratos e a partir do qual o falante troca informações. É possível compreender a relação entre esses contextos em:

If it is true that language and context are inextricably linked, any naturally occurring stretch of language should, to a greater or lesser extent, come trailing clouds of context with it: we should be able to deduce a great deal about the context in which the language was produced, the purpose for which it was produced, and the reasons why it was expressed in the way it was. (Thompson, 2014 p. 11)<sup>1</sup>

Estabelecida a concepção de linguagem, e tendo em vista que ela cumpre com o propósito de avaliar o que é dito, será apresentado também uma breve explicação do percurso da LSF (Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen 2014; Thompson 2014; Fuzer E Cabral 2014) com seus conceitos básicos, sistema discursivo de avaliatividade, chegando, assim, às categorias utilizadas para a análise do corpus: identificação dos recursos de Julgamento. É essa linha de estudo que possibilita, nas seções posteriores, além dos conceitos básicos da linguística sistêmico-funcional, as noções de avaliatividade e o sistema de julgamento (Martin and Rose, 2003; Martin and White 2005; Vian Jr 2009; Oliveira

---

<sup>1</sup> Se linguagem e contexto relacionam-se, qualquer fragmento de linguagem deve estar naturalmente envolvido por este, permitindo a compreensão do contexto de produção, os propósitos pelos quais foi produzido e o porquê de serem expressos dessa maneira e não de outra. (tradução própria)

2013; Fuzer e Cabral 2023) e como este se aplica no evangelho de João para análise das passagens selecionadas, que correspondem às epígrafes: “A mulher de Samaria”; “Jesus ressuscita Lázaro”; “Os sacerdotes e os Fariseus planejam matar Jesus” e Jesus perante Pilatos/A decisão de Pilatos”. A composição do sistema de julgamento, estima e sanção social, promove um olhar de terceiros a respeito de um cidadão, seja a partir das concepções estabelecidas por instituições e normas, ou pelo senso comum. É sob essas lentes que o protagonista do evangelho será estudado, considerando a visão das pessoas que tiveram contato direto com Ele, além dos regimentos da época. Por esta razão o contexto cultural recebe a devida atenção.

Além da perspectiva das personagens que interagem com Jesus, será considerado também o centro da tese de João, como autor do livro, que defende a identidade de Cristo como o enviado de Deus.

Dessa forma, diante das temáticas já propostas, este trabalho busca entender como o caráter de Jesus é avaliado pelas pessoas com quem ele interage, direta ou indiretamente, assim como identificar as categorias de análise presentes nessa avaliação; e comparar essa visão de Jesus com a defendida por João, autor do evangelho, que o apresenta como o enviado de Deus. Para cumprir com estes objetivos específicos, as seções que seguem neste trabalho consistem em:

Uma seção de conhecimentos básicos acerca da Linguística sistêmico funcional - corrente linguística adotada para o trabalho - com as concepções do Sistema de avaliatividade com foco nos critérios de julgamento; Seguido do capítulo metodológico, contendo as escolhas e justificativas destas para a pesquisa; Posteriormente, a análise do corpus, que é subdividida em quatro seções que contemplam as quatro passagens selecionadas no evangelho de João, sendo este introduzido com uma apresentação da defesa que João faz de Jesus como o messias; e, por fim, o capítulo conclusivo, onde se situam as categorias que mais aparecem, e sua relação com a visão de João.

## 2. LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL

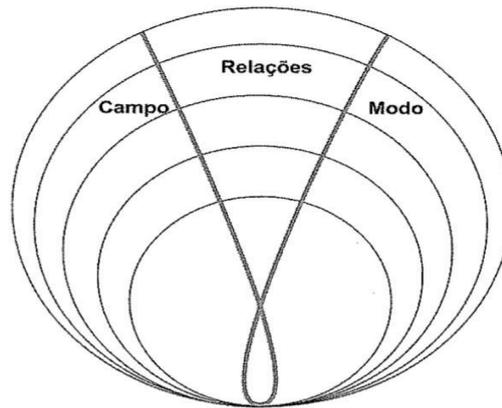
A presente seção objetiva discutir os aportes teóricos em que a pesquisa se baseia, tomando o recurso de julgamento como foco temático. Para tanto, se utiliza da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria que deu origem ao conceito anterior, sobre a qual será feito um breve percurso das concepções básicas pertinentes à pesquisa para uma melhor compreensão do trabalho. Em seguida, será tratado o estudo do sistema de avaliatividade, a partir do qual são delimitados os critérios analíticos deste, a saber, os subsistemas Estima e Sanção social, com seus elementos linguísticos específicos.

### 2.1 Concepções gerais

A Linguística Sistêmico Funcional é uma teoria de estudos da linguagem que diferencia-se das demais, dentre outros aspectos, por admitir a importância da relação da linguagem com o contexto em que é produzido determinado enunciado, isto é, a cultura, e a situação de fala em que se apresenta. Isto porque a linguagem funciona em um contexto (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Isso implica dizer que os significados são produzidos em um determinado momento e as escolhas linguísticas são guiadas por esse meio.

É possível ver com maior clareza a influência sociocultural para essa teoria na Figura 1, que representa as atividades responsáveis por situar o leitor no contexto de situação, a saber, Campo, relações e modo. O campo remete ao tema tratado, enquanto a esfera das relações trata da relação dos falantes e ouvintes e o tipo de interação destes, e, por último, o modo refere-se às escolhas feitas pelos participantes durante a comunicação. Esses recursos, originalmente traduzidos do inglês *field*, *tenor* e *mode*, respectivamente, cumprem um papel importante na compreensão de textos.

Figura 1 – Atividades semióticas

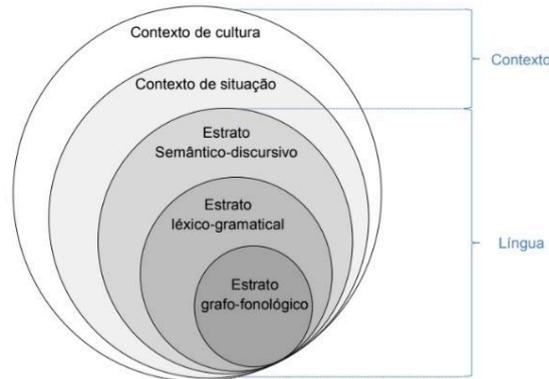


Fonte: Fuzer e Cabral (2014)

Outro aspecto inovador da LSF, sendo este trazido pelo fundador da teoria, M. A. K. Halliday [1925] é o estudo da Gramática de Escala e Categorias, que facilita a análise e a compreensão das produções discursivas, de acordo com Fuzer e Cabral (2014, p.17). Dentro dessa perspectiva, Halliday apresenta o sistema de estratificação, que divide a língua de acordo com seus níveis semióticos. Esse sistema é composto pelos estratos semântico, léxico-gramatical e fonológico, que são envolvidos também pelo contexto, e são melhor representados na Figura 2. Essa divisão, entretanto, não significa que cada nível deve ser estudado de maneira independente, mas, eles têm uma relação de interdependência, pois um realiza o outro, do menor para o maior.

Os níveis mais externos, que dizem respeito ao contexto, podem ser Contexto de cultura, que abrangem os conceitos de gênero e registro. Em seguida aparece o estrato semântico-discursivo, que lida com os significados, que é realizado pelo léxico-gramatical responsável pelas orações, que, por sua vez, é realizado pelo estrato grafo-fonológico, que lida com unidades menores, com os fonemas.

Figura 2 – Estrato do contexto e língua 1



Fonte: Santos (2022, p.22)

Diante dessa perspectiva, que reorganiza a língua em estratos, sistemas e categorias, ainda em conformidade com Fuzer e Cabral (2014), sob um olhar epistemológico, "sistêmico-funcional" designa a ideia de que a língua é formada por sistemas interligados e têm seus significados estabelecidos a partir de seu uso, cumprindo, assim, funções. Essas funções da linguagem são categorizadas e denominadas metafunções, dividindo-se em Metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente, realizadas no campo, relações e modo.

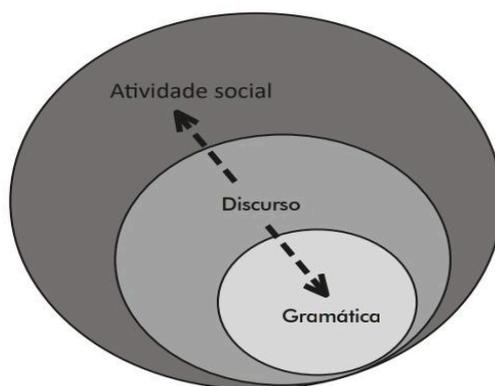
Este trabalho terá como foco no que diz respeito aos conceitos até aqui apresentados, a metafunção interpessoal, realizada pelo nível de relações, uma vez que será analisada a avaliação de terceiros acerca de uma figura, considerando então, o estrato semântico discursivo.

Quando se fala no nível semântico discursivo, o que deve ser tido como princípio é a compreensão do significado além da oração. Como visto anteriormente, quanto maior e mais abrangente for o estrato, mais próximo e dependente ele é do contexto. Por essa razão, não é suficiente a discussão de a qual grupo pertence cada elemento linguístico, mas atentar para o papel unificado do texto, contexto e língua, como reforça Vian Jr (2023, p.31):

Um texto é construído em um contexto por meio de escolhas linguísticas disponíveis aos usuários que nele interagem, e os significados abstraídos pelas análises estão indissociavelmente relacionados à língua e às escolhas feitas nos textos.

O discurso e suas relações pode ser visto com mais clareza no estrato abaixo, adaptado por Vian Jr. (2023 p. 26):

Figura 3 – Discurso na LSF



Fonte: Vian Jr. (2023, p.26)

Diante da relevância dos estudos discursivos sob uma ótica funcional, compreendendo que a língua cumpre funções, e estas são categorizadas na LSF como metafunções, Halliday e Matthiessen (2014) apresentam as três metafunções que uma língua desempenha: a metafunção textual, que estuda organização da mensagem transmitida para existir, agir e se relacionar no mundo; a metafunção ideacional, usada para relatar experiências no mundo; e por último, a metafunção interpessoal, que trata das relações e interações entre pessoas no mundo;

A metafunção textual, que estuda o texto como mensagem, utiliza o sistema de estrutura temática, que lida com a organização da informação na oração. Thompson (2014, p. 145-146) afirma que o sentido de um texto é construído a partir da conjunção, repetição e tema, e chama a atenção para o tema e rema, anteriormente propostos por Halliday, e enfatiza que o tema recebe lugar de destaque ao iniciar uma temática, enquanto o rema trata apenas dos detalhes da informação já apresentada (Thompson 2014, p.47).

Fica a cargo da metafunção ideacional a representação das experiências do mundo em uma língua. Isso implica dizer que participantes realizam processos em dadas circunstâncias, evidenciando, assim, o sistema de Transitividade. Como o foco da oração é o verbo, denominado aqui como processo, o sistema de transitividade abrange quatro principais processos, material, mental, verbal e relacional, que podem contemplar uma variedade ainda maior de processos entre si.

A metafunção interpessoal tem como foco o sistema de MODO. Por tratar da relação entre pessoas e como elas interagem em uma situação comunicativa, Halliday e Matthiessen (2014, p.134) apresentam então a oração como troca.

Explicam ainda, que nessa troca os interactantes podem dar ou solicitar bens e serviços ou informações, como representado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Funções da troca comunicativa

Papel na troca	Valor trocado	
	INFORMAÇÕES	BENS E SERVIÇOS
Dar	<i>Declaração</i> Ele serviu-me um café.	<i>Oferta</i> Você quer um café?
SOLICITAR	<i>Pergunta</i> O que ele lhe serviu?	<i>Comando</i> Sirva-me um café.
	PROPOSIÇÃO	PROPOSTA

Fuzer e Cabral (2014, p.103)

Como mostra o Quadro 1, quando ocorre a troca de informações, há possibilidade de argumentação, podendo o agente que recebeu a informação negar ou afirmar o que foi dito, sendo assim uma proposição. Por outro lado, quando ocorre a troca de bens e serviços, não há possibilidade de argumentação, por ser uma proposta.

Na metafunção interpessoal, o *sistema de MODO* é responsável pelo estudo a nível da oração, e realiza as chamadas *proposições* e *propostas*, como apresentado no Quadro 1. Este sistema apresenta as orações de três modos: Declarativo, interrogativo e imperativo, que equivalem a declarações exclamativas ou não exclamativas, perguntas de sim/não ou QU- e comandos, respectivamente. Já no que concerne à composição da oração, apresentam-se os componentes Modo, formado pelo sujeito e o finito e Resíduo, que equivale ao que “resta” da oração.

Outro conceito interessante a ser ressaltado dessa metafunção é a Modalidade. Este recurso permite que o falante disponha de opções que se adequem melhor à situação de fala para que ele possa se comunicar de maneira eficaz. A Modalidade está atrelada também às propostas e proposições, que equivalem também às noções de modulação e modalização, respectivamente. Estes conceitos, entretanto, serão aprofundados posteriormente neste trabalho.

Dentre essas metafunções apresentadas, destaca-se para o propósito deste trabalho a metafunção interpessoal, por compreender em suas relações o ato de informar ou questionar, solicitar ou oferecer e avaliar comportamentos e atitudes, como Halliday e Matthiessen (2004, p.30) já sugeriram. Mais adiante, os estudos que abrangem a avaliação - appraisal - foram aprofundados por Martin e White (2005), e passam a referir-se também a como os agentes "aprovam e desaprovam, empolgam e repudiam, aplaudem e criticam". Assim, o interpessoal lida com o sistema de avaliatividade, que junto dos sistemas de Negociação, Ideação, Conjunção, periodicidade e identificação, compõem os seis sistemas discursivos que realizam a análise textual a nível semântico.

Tendo conhecido as concepções básicas da Linguística Sistêmico-Funcional, a seção a seguir trará mais detalhes do Sistema de Avaliatividade com seus subsistemas e ramificações.

## **2.2 Sistema de Avaliatividade**

A Avaliatividade é um dos três maiores sistemas discursivos, ao lado dos sistemas de Negociação e Envolvimento, como afirma Oliveira (2014, p.249).

Ele está subdividida em três sistemas menores: Atitude, engajamento e gradação, onde:

Atitude é concernente a nossos sentimentos, incluindo nossas emoções, julgamentos de comportamentos e valoração de coisas; Engajamento lida com fonte de atitudes e o jogo de vozes que cercam opiniões em um discurso; e a gradação atende ao fenômeno de gradação por onde os sentimentos são ampliados. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 35 tradução minha)

O engajamento diz respeito às posições que o autor toma em um texto, podendo concordar ou opor-se a uma ideia externa. Ele pode, ainda, optar por não inserir um pensamento externo e apenas considerar o seu como definitivo, conforme explicita Fuzer e Cabral (2023, p.112). Os recursos linguísticos desse subsistema, de acordo com Martin e White (2005) são o alinhamento e o desalinhamento, que podem ser *monoglóssico*, quando é desconsiderado o posicionamento externo e apenas a palavra do autor é válida, ou *heteroglóssico*, em que o autor aceita interferências externas, seja para alinhar-se ou não a elas. Há ainda, outras subcategorias que se expandem da heteroglossia, denominadas contração e

expansão, sendo elas compostas outros critérios que formam uma ramificação complexa que não serão aprofundadas neste trabalho por este focar em outra subcategoria.

Já no subsistema de gradação, há a possibilidade de graduar os demais subsistemas, seja o engajamento de vozes, ou as atitudes avaliadas, pois lida com a avaliação em escala, podendo ela ser de alto ou baixo grau, possuindo também caráter positivo ou negativo (Fuzer e Cabral 2023, p.118). As categorias que o compõem são a *força* e o *foco*, que respectivamente gradua qualidades, processos e entidades, e aspectos semânticos prototípicos.

Dentre esses subsistemas citados, a atitude é tida como a principal no processo de avaliação, pois é ele quem lida diretamente com a avaliação de sentimentos, valoração de coisas, julgamentos e comportamentos, de acordo com Oliveira (2014, p.251). Por isso, essa ramificação é caracterizada por tratar da maneira como os sentimentos são expressos na linguagem. Essa avaliação pode ser expressa de maneira inscrita ou invocada, ou seja, pode aparecer respectivamente explícita ou implicitamente, necessitando, assim, de um conhecimento extralinguístico para compreender o texto avaliado. Ela é dividida em três áreas motivadas por sentimentos: julgamento, que avalia a atitude comportamental, podendo ser de admiração ou crítica, aceitação ou condenação; afeto que expressa as reações emocionais, podendo estes serem positivos ou negativos; e apreciação, que atribui valores a coisas, a depender de como elas são avaliadas em um determinado campo.

Figura 4 – Organização do subsistema de atitude



(Fonte: Oliveira 2014, p.255)

A Figura 5 apresenta as ramificações do sistema de atitude e suas respectivas realizações. No que concerne ao julgamento, também deve ser posto que essa categoria relaciona-se à ética e é também responsável por avaliar o caráter de um indivíduo, que pode ser visto de maneira positiva ou negativa. Além disso, nota-se que são considerados para essa avaliação, a estima social e a sanção social. A primeira está mais relacionada ao contexto oral, a partir de fofocas, conversas, piadas e histórias de vários tipos, que é compartilhado por instituições como família, amigos e colegas, enquanto a segunda categoria é um comum estar presente em produções escritas, tais como editais, decretos, regulamentações e leis, que são estabelecidos pela Igreja e Estado (Martin e White 2005, p.52). Ainda acerca da estima social, Vian Jr (2023, p.109) acrescenta que além de grupos mais próximos, avaliação nessa esfera também depende da cultura.

Ademais, levando em conta, como dito anteriormente, que em uma escala de níveis a menor é realizada pela maior, a nível lexical há componentes que realizam análise e promovem uma avaliação quanto à normalidade (o quão especial alguém é), capacidade (o quão capaz alguém é) e tenacidade (o quão resoluto alguém é) na estima social, que são avaliados positiva ou negativamente. Por outro lado, na sanção social os aspectos lexicais são vistos nos critérios veracidade (o quão honestas as pessoas são) e propriedade (o quão éticas as pessoas são), também podendo ser avaliado de maneira negativa ou positiva, como define Oliveira (2014). A figura 5 retrata melhor como as categorias podem ser expressas.

Figura 5 – Recursos linguísticos da estima social

SOCIAL ESTEEM	Positive [admire]	Negative [criticise]
<b>normality</b> 'how special?'	lucky, fortunate, charmed ...; normal, natural, familiar ...; cool, stable, predictable ...; in, fashionable, avant garde ...; celebrated, unsung ...	unlucky, hapless, star-crossed ...; odd, peculiar, eccentric ...; erratic, unpredictable ...; dated, daggy, retrograde ...; obscure, also-ran ...
<b>capacity</b> 'how capable?'	powerful, vigorous, robust ...; sound, healthy, fit ...; adult, mature, experienced ...; witty, humorous, droll ...; insightful, clever, gifted ...; balanced, together, sane ...; sensible, expert, shrewd ...; literate, educated, learned ...; competent, accomplished ...; successful, productive ...	mild, weak, whimpy ...; unsound, sick, crippled ...; immature, childish, helpless ...; dull, dreary, grave ...; slow, stupid, thick ...; flaky, neurotic, insane ...; naive, inexperienced, foolish ...; illiterate, uneducated, ignorant ...; incompetent; unaccomplished ...; unsuccessful, unproductive ...
<b>tenacity</b> 'how dependable?'	plucky, brave, heroic ...; cautious, wary, patient ...; careful, thorough, meticulous tireless, persevering, resolute ...; reliable, dependable ...; faithful, loyal, constant ...; flexible, adaptable, accommodating ...	timid, cowardly, gutless ...; rash, impatient, impetuous ...; hasty, capricious, reckless ...; weak, distracted, despondent ...; unreliable, undependable ...; unfaithful, disloyal, inconstant ...; stubborn, obstinate, wilful ...

Fonte: Martin e White (2005, p.53)

Figura 6 – Recursos linguísticos da sanção social

SOCIAL SANCTION 'mortal'	Positive [praise]	Negative [condemn]
<b>veracity [truth]</b> 'how honest?'	truthful, honest, credible ...; frank, candid, direct ...; discrete, tactful ...	dishonest, deceitful, lying ...; deceptive, manipulative, devious ...; blunt, blabbermouth ...
<b>propriety [ethics]</b> 'how far beyond reproach?'	good, moral, ethical ...; law abiding, fair, just ...; sensitive, kind, caring ...; unassuming, modest, humble ...; polite, respectful, reverent ...; altruistic, generous, charitable ...	bad, immoral, evil ...; corrupt, unfair, unjust ...; insensitive, mean, cruel ...; vain, snobby, arrogant ...; rude, discourteous, irreverent ...; selfish, greedy, avaricious ...

Fonte: Martin e White (2005, p.53)

As figuras 5 e 6 apresentam alguns recursos de avaliação positivas e negativas nos âmbitos de Estima e Sanção social <sup>22</sup>.

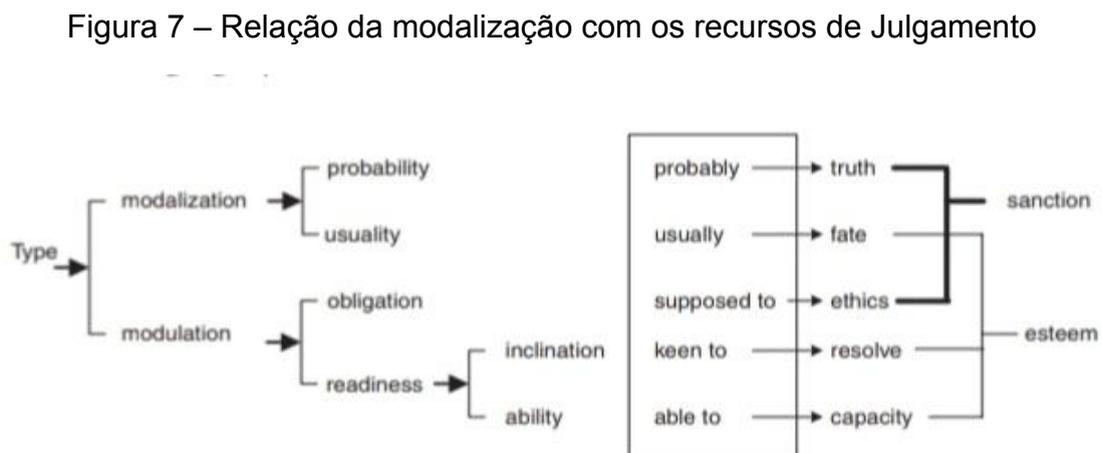
Em termos gerais, a metafunção responsável pelo sistema avaliativo é a interpessoal, que abrange também o sistema de negociação. Isso implica dizer que

<sup>22</sup> Recursos de julgamento em português disponíveis em Silva (2019, p.62)

alguns conceitos relevantes da metafunção interpessoal refletem os significados das categorias de julgamento. Isso porque dentro da esfera interpessoal, há um conceito importante que se aplica na avaliação de julgamento modalidade. A modalidade, como explica Fuzer e Cabral (2014, p.114) exprime as várias maneiras que um falante tem de solicitar um bem ou serviço ao seu ouvinte, além de, como enfatizam as autoras, ser: “um recurso utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista e fazem um julgamento”.

Na modalidade também há dois fatores importantes, intitulados Modalização e Modulação. A modalização é responsável pela troca de informações e conhecimentos, enquanto a modulação se encarrega das ofertas e comandos, ainda segundo Fuzer e Cabral (2014). É, portanto, na modalização e modulação que se evidencia a avaliação de julgamento.

Assim, de acordo com Martin e White (2014, p. 54), a normalidade associa-se à usualidade, a capacidade à habilidade, a tenacidade à inclinação, a Veracidade à probabilidade e a propriedade à obrigação. A figura abaixo exemplifica melhor essa relação:



(Fonte: Martin e White (2005, p.54))

Para exemplificar como pode ser feita a análise considerando esses parâmetros, abaixo estão algumas ocorrências apresentadas por Cecchin, Gerhardt, Khun (2023, p.109-110), nos quais, as palavras em destaque evidenciam onde ocorre a avaliação, extraídas da crônica *A menina do caderno*, do cronista Marcelo Canellas, que é utilizado como amostra para análise em todos os capítulos de Fuzer e Cabral(2023).

(1)Ocorrência de normalidade: "(...) teve pena e a deixou entreter-se um pouco com **sua distração de criança(...)**"

(2)Ocorrência de tenacidade: "Não há força obscura no mundo **capaz de conter a criatividade e a imaginação de uma criança.**"

(3)Ocorrência de propriedade: "Pois há algo que nem o **cinismo dos políticos**, nem a **incompetência do Estado**, nem o **desinteresse do governo**, nem a **falta de empatia da sociedade** podem evitar."

Na primeira sentença, o termo em destaque "sua distração de criança" passa a ideia de uma característica que já é conhecida acerca do indivíduo mencionado, uma característica própria de um grupo específico e nesse contexto está sendo atribuído a alguém.

O segundo exemplo apresenta a atitude de julgamento expresso pela sentença em destaque "capaz de conter a criatividade e a imaginação de uma criança". Essa descrição refere-se à categoria de tenacidade, evidenciada desde o termo "capaz", que sugere a inclinação em exercer uma habilidade, ou seja, disposição para conter os atributos de uma criança.

Por último, saindo da esfera de Estima Social e adentrando na Sanção Social, há um exemplo de propriedade. Isso porque as atribuições em destaque revelam negativamente obrigações que as entidades não cumprem: os políticos, o estado, o governo e a sociedade recebem, respectivamente como avaliações o cinismo, incompetência, desinteresse e falta de empatia.

### 3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa documental qualitativa-interpretativista (Creswell, 2007), pois busca a identificação e análise de aspectos linguísticos, em uma perspectiva sistêmico-funcional, a partir de interações sociais de Jesus Cristo com a sociedade, em passagens evidenciadas no evangelho de João.

O livro de João, o quarto evangelho da Bíblia Sagrada, situa-se no novo testamento, e relata a vida de Jesus Cristo, assim como suas interações com as pessoas e ações no contexto em que vive. O livro diferencia-se dos demais evangelhos, dentre outros quesitos, (1) por possuir algumas narrativas distintas dos demais, a exemplo da passagem situada em João 4, escolhida para análise deste trabalho; (2) e pela defesa do tema do apóstolo João, que defende Jesus como o "enviado de Deus", definição que também diverge dos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas).

Assim, serão 4 (quatro) textos analisados, distribuídos nos capítulos 4,11,12,18 e 19, que apresentam interações de Jesus com pessoas de diferentes esferas sociais, podendo ele ter ou não um vínculo de proximidade com estes. Os textos têm como agentes avaliativos: a mulher samaritana (4), amigos de Jesus (11), sacerdotes e fariseus (11,12) e Pilatos (18,19), situados no evangelho de Jesus escrito por João.

Tal escolha tem como objetivo entender, nas interações sociais e na própria descrição do autor, como Jesus é definido através de diferentes perspectivas. Por

isso foram selecionadas passagens com interactantes diversos: Uma mulher de uma outra nacionalidade; Pessoas que mantinham laços de amizade com Jesus; Um grupo religioso influente; e uma figura política. Para tanto, se justifica a necessidade de um estudo linguístico que priorize o contexto em que se inserem as situações e personagens, a saber, a Linguística Sistêmico-Funcional uma vez que esta destaca-se por estudar a linguagem em seu contexto de produção e em uso.

Assim, para a realização deste trabalho, serão necessários aportes teóricos acerca da Linguística Sistêmico-funcional (LSF) vista em Halliday e Matthiessen (2004) para compreensão da concepção de linguagem; a metafunção interpessoal por Fuzer e Cabral (2014) Halliday e Matthiessen (2014); e o sistema de avaliatividade com foco no Julgamento, em Martin e White (2005), Vian Jr (2009), Fuzer e Cabral (2023) e Oliveira (2013).

Por possuir muitas versões, as passagens analisadas nesta pesquisa serão da Bíblia Almeida Corrigida e Fiel (ACF), uma vez que é considerada uma tradução frequente no meio cristão-evangélico e por manter uma tradução aproximada ao texto original, como discutido na seção introdutória deste trabalho. A escolha se dá ainda pela familiaridade da autora com a obra e pelo acesso a esta versão ser facilitada, em comparação com uma versão em língua estrangeira.

Para efetivação da pesquisa, fez-se necessário portanto: (1)Compreender o contexto em que se inserem as passagens bíblicas, considerando o lugar de cada personagem e qual sua relação com Jesus Cristo, (2)Identificar as interferências do autor nas narrativas escolhidas, a fim de entender o tipo de julgamento a que Jesus é submetido, se de maneira evocada ou inscrita, e por fim, (3)comparar a narrativa de João com os diálogos entre Jesus e seus interactantes, para chegar a um consenso acerca do caráter de Jesus Cristo a partir dos elementos linguísticos do sistema de Julgamento: Estima e sanção social.

#### 4. AVALIAÇÃO DE JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO SOB OS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO: A DEFESA DO CARÁTER DE JESUS CRISTO

Como visto na seção anterior, a linguagem pode avaliar o comportamento de alguém de maneira positiva ou negativa, atribuindo a estes olhares de admiração ou crítica e ainda, aprovação ou condenação acerca de suas atitudes. Nesta seção, serão apresentados os textos bíblicos em que cada personagem aparece em seu contexto de fala, podendo se estender a um contexto mais amplo para melhor compreensão dos usos e costumes e o que estes implicam. As menções aos léxicos responsáveis pela avaliação estão destacadas em **negrito**, para uma melhor compreensão da análise.

Antes da análise das passagens, entretanto, é necessário compreender, na bíblia, o posicionamento de João a respeito de Jesus Cristo. Desde o primeiro capítulo do evangelho de João, é possível perceber sua defesa de Jesus como messias: “ No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”; o verbo que aparece em João 1:1 refere-se ao próprio Jesus, que sendo a segunda parte da trindade, ao lado do Deus pai e do Espírito Santo, e afirmado que ele não só “estava com Deus”, como também “era Deus”.

Outra evidência bíblica da defesa de João, está em 20:31: “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”. Este versículo evidencia a própria narrativa de João, no final do evangelho para sintetizar o propósito de sua escrita, afirmando que seus relatos são para que todos possam crer que Jesus é o messias, enviado e filho de Deus. Tendo compreendido a visão de João acerca de Jesus, é necessário agora compreender de que maneira Jesus é avaliado por seus interlocutores.

## 4.1 - A mulher samaritana e o povo de Samaria

A primeira amostra a ser analisada foi retirada do capítulo 4 do evangelho de João e refere-se a um diálogo entre Jesus e uma mulher Samaritana, conforme descrito na passagem 1.

(...)

<sup>5</sup> Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José.

<sup>6</sup> E estava ali a fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isto quase à hora sexta.

<sup>7</sup> Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.

<sup>8</sup> Porque os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.

<sup>9</sup> Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: **Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?** (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos).

<sup>10</sup> Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

<sup>11</sup> Disse-lhe a mulher: **Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo;** onde, pois, tens a água viva?

<sup>12</sup> **És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?**

<sup>13</sup> Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede;

<sup>14</sup> Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.

<sup>15</sup> Disse-lhe a mulher: **Senhor, dá-me dessa água,** para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la.

<sup>16</sup> Disse-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido, e vem cá.

<sup>17</sup> A mulher respondeu, e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido;

<sup>18</sup> Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.

<sup>19</sup> Disse-lhe a mulher: **Senhor, vejo que és profeta.**

(...)

<sup>25</sup> A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo.

<sup>26</sup> Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo.

<sup>27</sup> E nisto vieram os seus discípulos, e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela?

<sup>28</sup> Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens:

<sup>29</sup> **Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?**

(...)

<sup>39</sup> E muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele, pela palavra da mulher, que testemunhou: Disse-me tudo quanto tenho feito.

<sup>40</sup> Indo, pois, ter com ele os samaritanos, rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias.

<sup>41</sup> E muitos mais creram nele, por causa da sua palavra.

<sup>42</sup> **E diziam à mulher: Já não é pelo teu dito que nós cremos; porque nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.**

As amostras da passagem 1, as quais cada amostra corresponde ao número do versículo, apontam de modo geral para uma avaliação que inicialmente demonstra receio por parte da avaliadora e gradualmente torna-se positiva. Os versículos 9,11 e 12 são interrogativos, e revelam a dúvida da mulher samaritana a respeito do que Jesus diz ser. Entretanto, nas sentenças seguintes, a fala afirmativa dela denuncia sua mudança de posicionamento.

Começando pelo 9, a fala da mulher denuncia *normalidade* negativa, quando enfatiza que ele é Judeu, e a informação que segue no texto é de que naquele contexto, não era comum haver comunicação entre Judeus e Samaritanos. Ela ainda reforça o fato de ser mulher, deixando mais claro a distância social que costumava haver entre ambas categorias(nacionalidade e sexo), reafirmando assim a aproximação de Jesus como uma atitude negativa, que foge do costume(normalidade).

Em 11, “Senhor, **tu não tens** com que a tirar” e 12 “**És tu maior** do que o nosso pai Jacó?”, a fala dela sugere (*in*)*capacidade*, dos quais o primeiro trata de uma impossibilidade inscrita e o segundo exige um conhecimento contextual mais profundo acerca de Jacó, uma vez que ele é invocado pela mulher Samaritana como uma afirmação de que este detém mais poder do que o próprio Jesus.

Já no versículo 15, a solicitação “**dá-me dessa água**” e no 19 “vejo que **és profeta**”, ditas em um diálogo diretamente, deixam claro o convencimento dela acerca da *capacidade* (+) que ele tem, por possuir algo de seu interesse e *normalidade*(+), pois é caracterizado como uma pessoa reconhecida na época, o profeta.

Já a partir do versículo 29, a mulher samaritana fala do caráter de Jesus com outras pessoas, não diretamente com ele. A partir deste, pode ser observado na informação “**o homem que me disse tudo que tenho feito**” a menção à *capacidade* de Jesus de saber o que possivelmente a maioria não sabe, sendo seguido de uma interrogação que aponta para a *veracidade* do bom caráter de Jesus: “Porventura não é este o Cristo?”.

Diante disso, pode ser percebido que além do comportamento de Jesus ter mudado a perspectiva da mulher samaritana a seu respeito, também teve influência sobre terceiros, que ao ouvirem falar de seus feitos pela samaritana, passaram a conhecê-lo e admirá-lo. Essa observação pode ser vista no versículo 39, quando

João declara que muitos “**creram nele**”, seguido do 40, “rogaram-lhe que ficasse com eles”, onde é perceptível na crença e no apelo das pessoas a admiração por Jesus, reafirmando a avaliação positiva de seu caráter.

Assim, compreende-se que apesar das diferenças culturais e de gênero, Jesus cultiva na mulher samaritana uma admiração que a leva a crer em sua divindade, através do reconhecimento de sua capacidade positiva (onisciência por revelar seus atos). É interessante destacar ainda os itens lexicais responsáveis pelo julgamento, que fazem parte tanto o grupo verbal, quanto o grupo nominal: (judeu, pedes.(9); não tens(11), és tu maior(12), dá me(15); profeta(19) e me disse tudo, Cristo(29).

## 4.2 Amigos de Jesus

A passagem a seguir localiza-se no capítulo 11 de João e trata do encontro e interação de Jesus com pessoas próximas a ele, a saber, suas amigas.

<sup>1</sup> Estava, porém, enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta.

<sup>2</sup> **E Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com unguento, e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo.**

<sup>3</sup> **Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas.**

(...)

<sup>20</sup> **Ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa.**

<sup>21</sup> **Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.**

<sup>22</sup> **Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.** <sup>23</sup> Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar.

<sup>24</sup> **Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia.**

<sup>25</sup> Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

<sup>26</sup> E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?

<sup>27</sup> **Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.**

<sup>28</sup> **E, dito isto, partiu, e chamou em segredo a Maria, sua irmã, dizendo: O Mestre está cá, e chama-te.**

<sup>29</sup> **Ela, ouvindo isto, levantou-se logo, e foi ter com ele.**

<sup>30</sup> (Pois, Jesus ainda não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara.)

<sup>31</sup> Vendo, pois, os judeus, que estavam com ela em casa e a consolavam, **que Maria apressadamente se levantara e saíra**, seguiram-na, dizendo: Vai ao sepulcro para chorar ali.

<sup>32</sup> Tendo, pois, Maria chegado aonde Jesus estava, e vendo-o, **lançou-se aos seus pés, dizendo-lhe: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.**

<sup>33</sup> Jesus pois, quando a viu chorar, e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito, e perturbou-se.

<sup>34</sup> E disse: Onde o pusestes? Disseram-lhe: Senhor, vem, e vê.

<sup>35</sup> Jesus chorou.

<sup>36</sup> Disseram, pois, os judeus: Vede como o amava.

<sup>37</sup> E alguns deles disseram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?

<sup>38</sup> Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, veio ao sepulcro; e era uma caverna, e tinha uma pedra posta sobre ela.

<sup>39</sup> **Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias.**

<sup>40</sup> Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?

<sup>41</sup> **Tiraram, pois, a pedra** de onde o defunto jazia. E Jesus, levantando os olhos para cima, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido.

<sup>42</sup> Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste.

<sup>43</sup> E, tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro, sai para fora.

<sup>44</sup> E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o, e deixai-o ir.

<sup>45</sup> Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo a Maria, e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele.

<sup>46</sup> Mas alguns deles foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito.

Diferente do objeto de análise anterior, que tinha como avaliadora uma pessoa que não possuía vínculo afetivo com o avaliado, nesta segunda percebe-se uma relação de proximidade desde os primeiros versículos. Entretanto, é importante lembrar que o foco deste trabalho não é a avaliação da categoria “afeto”, mas julgamento, ou seja, a menção feita à afetividade, neste caso, diz respeito à relação entre os falantes. Trata-se, como o próprio texto revela, de uma situação vivenciada pelas amigas de Jesus enlutadas pela perda de seu irmão, e amigo de Jesus, Lázaro.

Logo, no versículo 3, é possível perceber que Marta e Maria confiavam em Jesus, pois elas notificam-no acerca da doença grave de seu irmão: “Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: “Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas”. Essa atitude pode ser percebida como *tenacidade*, uma vez que elas implicitamente esperam dele uma manifestação de poder de modo a curar Lázaro, tornando-o assim resoluto. O versículo anterior também aponta para o uma avaliação positiva, uma vez que revela que Maria havia ungido Jesus. Essa atitude, vale ressaltar, era tida como sinal de honra no contexto judaico, no qual as pessoas recebidas pelos anfitriões costumavam ser ungidos.

Dessa forma, compreende-se essa atitude como de *normalidade* positiva, pela forma que Jesus foi bem recebido por Maria. O aviso do versículo 3, por outro

lado, aparece mais como uma solicitação, que revela a convicção das mulheres a respeito do poder de Jesus em curar enfermos, sendo entendida então como *capacidade positiva*.

Mais adiante, nos versículos 31 e 32, percebe-se também características que revelam a capacidade e normalidade de Jesus, evidenciados por: **“Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.”** e **“Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.”**. Inicialmente, há uma atribuição negativa de Marta a Jesus, que pode considerar a demora de Jesus como causa da morte de Lázaro, tornando sua *tenacidade*, ou seja, capacidade de resolução, negativa. Porém, adiante há um reconhecimento acerca de seu poder, quando Marta declara saber que os pedidos de Jesus costumam ser ouvidos pelo próprio Deus, fazendo-o novamente ser avaliado na categoria de *normalidade positiva*.

Observa-se também na prontidão de Maria ao levantar-se de imediato para ir ao encontro de Jesus, no versículo 29, um grau de *normalidade*, por ser alguém de quem as pessoas costumam querer estar perto e que já é conhecido naquele meio: “Ela, ouvindo isto, **levantou-se logo, e foi ter com ele**”. A passagem segue, e no versículo 39 há um comando de Jesus para que o túmulo em que estava o corpo de Lázaro fosse aberto. Em resposta a sua solicitação, inicialmente, Marta demonstra receio pelo tempo em que o defunto está enterrado, revelando uma certa hesitação quanto a capacidade dele em resolver um problema, mas em seguida o pedido de Jesus é atendido, o que revela mais uma vez a sua confiança nele, ou seja, *capacidade positiva*.

De modo geral, o capítulo 11 também apresenta uma avaliação positiva de Jesus, tendo em vista a confiança e a estima que as pessoas tinham nele. Além disso, se for considerada toda a passagem que relata o acontecimento na íntegra, as atitudes de Jesus também levaram terceiros a crerem em sua divindade, a partir do momento em que foi demonstrado seu poder(capacidade) para realizar a ressurreição de Lázaro.

Compreende-se então que, nessa passagem, aqueles que mantêm certa proximidade com Jesus, em um dado momento chegam a duvidar de sua capacidade, por influência das situações difíceis que vivenciam, mas em seguida cedem às palavras dele e confiam nelas, sendo movidos a agir de acordo. Além disso, a capacidade de Jesus é reconhecida também pelos que apenas observam

seu comportamento, como ocorreu com os judeus, que passaram a crer nele a partir do milagre que realizou.

Os recursos lexicais responsáveis pela avaliação de Jesus, nessa passagem, se deu em maior parte por grupos verbais, pois a narração evidencia as atitudes de Marta e Maria em relação àquele de quem elas tinham conhecimento (normalidade positiva), e passaram a reconhecer também seu poder e inclinação para resolver causas humanamente impossíveis (capacidade e tenacidade), além das afirmações feitas pelas próprias interlocutoras, comprovando sua crença na capacidade de Cristo.

### 4.3 Os judeus religiosos

A análise feita a partir da terceira passagem, diz respeito à perspectiva de um grupo religioso - fariseus e sacerdotes - acerca de Jesus, que está presente nos capítulos 11 e 12 do evangelho abordado.

(...)

<sup>45</sup> Muitos, pois, dentre os *judeus* que tinham vindo a Maria, e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele.

<sup>46</sup> **Mas alguns deles foram ter com os fariseus**, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito.

<sup>47</sup> **Depois os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho, e diziam: Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais.**

<sup>48</sup> **Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação.**

<sup>49</sup> E Caifás, um deles que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis,

<sup>50</sup> Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação.

<sup>51</sup> **Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação.**

<sup>52</sup> E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos.

<sup>53</sup> **Desde aquele dia, pois, consultavam-se para o matarem.**

<sup>54</sup> Jesus, pois, já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a terra junto do deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali ficou com os seus discípulos.

<sup>55</sup> E estava próxima a páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da páscoa para se purificarem.

<sup>56</sup> **Buscavam, pois, a Jesus, e diziam uns aos outros, estando no templo: Que vos parece? Não virá à festa?**

<sup>57</sup> **Ora, os principais dos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para o prenderem.**

(...)

<sup>9</sup> E muita gente dos judeus soube que ele estava ali; e foram, não só por causa de Jesus, mas também para ver a Lázaro, a quem ressuscitara dentre os mortos.

<sup>10</sup> E os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro;  
<sup>11</sup> Porque muitos dos judeus, por causa dele, iam e criam em Jesus.

Apesar de a aparição de figuras religiosas não se deter a este capítulo, é a partir dele que se inicia uma descrição mais focada em sua relação com Jesus. A seguir, será observado então se essa relação gera nesse público uma reação positiva ou negativa a respeito do caráter de Jesus.

As amostras da passagem de João 11 e 12 agora já não se referem às pessoas próximas a Jesus, mas aos possíveis inimigos dele, a saber, os fariseus e sacerdotes. O trecho acima narra a insatisfação desse grupo religioso ao ver os milagres realizados por Jesus, o que gera inicialmente uma visão que foge da admiração para a condenação. Os versículos 46,47 e 48 mostram a denúncia de uma parte dos judeus que presenciaram a ressurreição de Lázaro - passagem analisada anteriormente - aos religiosos que tinham influência e poder sobre o povo naquela época. Tal afirmativa pode ser confirmada em: “Se o deixarmos assim, **todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação**”.

Desse modo, compreende-se uma avaliação *negativa* por parte dos fariseus e sacerdotes acerca de Jesus, uma vez que eles se sentem ameaçados a perder a posição política que ocupam. Nesse caso, não é uma atitude negativa de Jesus que desperta indignação e receio nos religiosos, mas sua *capacidade* (poder para realizar milagres) e a possibilidade de perderem o espaço político para ele - já que o as pessoas que ouviam seus feitos, tendiam a admirar e segui-lo - apontando assim para a categoria de *veracidade*. Isto porque, de acordo com Martin e White(2005, p.54), a modalização de probabilidade tende a ser associada à categoria de veracidade.

Na sequência do texto, o sumo sacerdote, outra figura religiosa, defende que para que a nação de Israel fosse restabelecida, seria necessário a morte de Jesus, o que o colocaria em uma posição negativa de opositor ao bem da nação, se a razão deles para matá-lo não fosse o medo de perder poder político: “Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, **profetizou que Jesus devia morrer pela nação**”.

Os versículos 53 e 57 também revelam a condenação feita por eles a Jesus: “Desde aquele dia, pois, **consultavam-se para o matar.**”; “Ora, os principais dos

sacerdotes e os fariseus **tinham dado ordem para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para o prenderem.**” Essas amostras sugerem implicitamente a acusação de que Jesus é ameaça à ordem farisaica, atribuindo a ele a categoria de propriedade negativa, por esta estar mais associada às instituições do que à população geral. Paralelamente a isso, como evidenciado em “ E os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro; **Porque muitos dos judeus, por causa dele, iam e criam em Jesus.** “, pode ser observado na atitude dos sacerdotes em almejar a morte de outro cidadão, sua preocupação em esconder da população as evidências do poder de Jesus. Essa decisão também revela que os acusadores tinham ciência da boa conduta de Jesus (*propriedade positiva e tenacidade*), e por isso pretendiam ocultar seus feitos para o condenar.

De modo geral, apesar das atitudes que buscam a condenação de Jesus, é evidente que as motivações para fazê-lo não o colocam em uma posição negativa, de rebelde ou imoral diante das concepções que defendem o que é correto, até mesmo de acordo com a própria lei mosaica. Pelo contrário: sua conduta atrai perseguição de um grupo que se sente ameaçado em perder sua posição por não realizar as obras poderosas que Jesus faz (capacidade).

Em síntese, diante do que foi observado, entende-se que o comportamento de Jesus não foi bem avaliado pelos sacerdotes e fariseus, não por falhas em seu caráter, mas pelo medo de sua influência pela capacidade de executar obras que os demais não podiam. Tendo isso em mente, se reforça a compreensão de que o carisma de Jesus se estende a um grupo cada vez maior de pessoas, ainda que ele não se relacione em um grau mais íntimo com elas.

#### **4.4 Julgamento por Pilatos**

A quarta e última passagem a ser analisada está distribuída nos capítulos 18 e 19 do evangelho de João, e narra o julgamento de Jesus por uma figura política.

(...)

<sup>28</sup> Depois levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência. E era pela manhã cedo. E não entraram na audiência, para não se contaminarem, mas puderam comer a páscoa.

<sup>29</sup> Então Pilatos saiu fora e disse-lhes: **Que acusação trazeis contra este homem?**

<sup>30</sup> Responderam, e disseram-lhe: **Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos.**

<sup>31</sup> **Disse-lhes, pois, Pilatos: Levai-o vós, e julgai-o segundo a vossa lei.** Disseram-lhe então os judeus: A nós não nos é lícito matar pessoa alguma.

<sup>32</sup> (Para que se cumprisse a palavra que Jesus tinha dito, significando de que morte havia de morrer).

<sup>33</sup> **Tornou, pois, a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus?**

<sup>34</sup> Respondeu-lhe Jesus: *Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim?*

<sup>35</sup> **Pilatos respondeu: Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?**

<sup>36</sup> Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

<sup>37</sup> **Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei?** Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

<sup>38</sup> **Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade?** E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: **Não acho nele crime algum.**

<sup>39</sup> **Mas vós tendes por costume que eu vos solte alguém pela páscoa. Quereis, pois, que vos solte o Rei dos Judeus?**

<sup>40</sup> Então todos tornaram a clamar, dizendo: Este não, mas Barrabás. E Barrabás era um salteador.

<sup>1</sup> **Pilatos, pois, tomou então a Jesus, e o açoitou.**

<sup>2</sup> E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram roupa de púrpura.

<sup>3</sup> E diziam: Salve, Rei dos Judeus. E davam-lhe bofetadas.

<sup>4</sup> **Então Pilatos saiu outra vez fora, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum.**

<sup>5</sup> Saiu, pois, Jesus fora, levando a coroa de espinhos e roupa de púrpura. E disse-lhes Pilatos: Eis aqui o homem.

<sup>6</sup> **Vendo-o, pois, os principais dos sacerdotes e os servos, clamaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o. Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós, e crucificai-o; porque eu nenhum crime acho nele.**

<sup>7</sup> **Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus.**

<sup>8</sup> **E Pilatos, quando ouviu esta palavra, mais atemorizado ficou.**

<sup>9</sup> **E entrou outra vez na audiência, e disse a Jesus: De onde és tu?** Mas Jesus não lhe deu resposta.

<sup>10</sup> **Disse-lhe, pois, Pilatos: Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?**

<sup>11</sup> Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem.

<sup>12</sup> **Desde então Pilatos procurava soltá-lo; mas os judeus clamavam, dizendo: Se soltas este, não és amigo de César; qualquer que se faz rei é contra César.**

<sup>13</sup> Ouvindo, pois, Pilatos este dito, levou Jesus para fora, e assentou-se no tribunal, no lugar chamado Litóstrotos, e em hebraico Gabatá.

<sup>14</sup> E era a preparação da páscoa, e quase à hora sexta; **e disse aos judeus: Eis aqui o vosso Rei.**

<sup>15</sup> Mas eles bradaram: Tira, tira, crucifica-o. **Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei?** Responderam os principais dos sacerdotes: Não temos rei, senão César.

<sup>16</sup> Então, conseqüentemente entregou-lho, para que fosse crucificado. E tomaram a Jesus, e o levaram.

<sup>17</sup> E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota,

<sup>18</sup> Onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

<sup>19</sup> **E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.** <sup>20</sup> E muitos dos judeus leram este título; porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade; e **estava escrito em hebraico, grego e latim.**

<sup>21</sup> Diziam, pois, os principais sacerdotes dos judeus a Pilatos: Não escrevas, O Rei dos Judeus, mas que ele disse: Sou o Rei dos Judeus.

<sup>22</sup> **Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.**

O texto posto em evidência, narra o momento em que Jesus é levado para ser julgado por uma autoridade governamental que não está no topo da hierarquia da época, mas que tem, como ele próprio afirma no versículo 10, poder para condenar e para livrar. É notável no momento em que o réu é levado para a audiência, que Pilatos está alheio à acusação feita pelos Judeus. Seu questionamento a Jesus e aos delatores comprova essa imparcialidade: “Que acusação trazeis contra este homem?; “Tu és o Rei dos Judeus?”. Porém no decorrer da conversa, ele demonstra confiança na boa conduta de Jesus, determinando sua inocência: **“Não acho nele crime algum”**.

Entretanto, para se compreender a avaliação que Pilatos faz de Jesus, é necessário um olhar sobre a cultura em que se insere a passagem e é descrita nela. Assim, a menção à cultura será feita conforme a análise dos fragmentos que contém avaliação. O que se precisa ter em mente de início, é que há entre teólogos uma divisão quanto a crença de Pilatos em Jesus como o Enviado de Deus. Enquanto alguns consideram as palavras dele como em um tom de ironia ao chamar Jesus de “Rei dos Judeus”, outros defendem que ele de fato cria em sua divindade. Diferente das perspectivas apresentadas, esse trabalho defende a percepção de Keener (2017, p. 358-363), na qual Pilatos inocenta Jesus por crer que ele é um ser divino, porém não atribui a ele a identidade de Filho de Deus e portanto rei dos Judeus.

Na sequência, Pilatos apresenta Jesus ao povo: “(...)Quereis, pois, que vos solte o **Rei dos Judeus?**”. O texto cita o costume que havia na época, que permitia a isenção da pena de um condenado, para que este fosse poupado da crucificação. Nesse momento, Pilatos demonstra interesse na soltura de Jesus, ao perguntar se é da vontade do povo que ele seja livre, uma vez que ele afirmou ser o rei dos Judeus. Porém, diante do pedido insistente do povo para que outro fosse solto ao

invés de Jesus, Pilatos tomou a atitude esperada pelos acusadores: “(...)tomou então a Jesus, e o açoitou.”. A atitude seguinte de Pilatos, evidencia sua desaprovação à decisão do povo por ter convicção da inocência de Jesus:

“Então Pilatos saiu outra vez fora, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que **não acho nele crime algum.**” Como se segue na leitura, os judeus argumentam que sua lei permite a condenação de um homem que afirma ser Deus. Assim, percebe-se que Pilatos apesar de acreditar que Jesus é inocente, decide ceder às imposições dos judeus, por estas possuírem algum respaldo na lei. Porém, como dito anteriormente, o texto não deixa claro se Pilatos de fato via Jesus como o filho de Deus, mas, de acordo com Keener (2017), havia na época a crença em divindades, principalmente no âmbito filosófico. Assim, é possível que Jesus seja visto por Pilatos como um filósofo que detinha poderes divinos. Diante disso, Jesus é avaliado por Pilatos como inocente, conforme o texto apresenta nos versículos 38, 2, 6 e 12 a sua intromissão durante a condenação na tentativa de inocentá-lo.

Por causa da lei, como evidenciado no versículo abaixo, Pilatos tomou uma atitude contrária à sua real avaliação, pois ele temia ser punido:”**Desde então Pilatos procurava soltá-lo;** mas os judeus clamavam, dizendo: Se soltas este, não és amigo de César; qualquer que se faz rei é contra César.” uma sentença que evidencia o seu posicionamento em relação ao réu, é a sua tentativa de inocentá-lo, “procurava soltá-lo”, contrariado pelo argumento dos Judeus. Essa decisão foi motivada pelo medo de perder poder político e receber punição por traição. Isto porque qualquer que se fizesse rei, estaria provocando a César, uma autoridade com alta posição.

Porém, ele insistiu em expor na cruz que Jesus era o rei dos Judeus, escrevendo isto em idiomas diferentes, mesmo sendo questionado por um judeu: “**E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.(...) estava escrito em hebraico, grego e latim.** Diziam, pois, os principais sacerdotes dos judeus a Pilatos: Não escrevas, O Rei dos Judeus, mas que ele disse: Sou o Rei dos Judeus. **Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.**”

Esta atitude de Pilatos é melhor compreendida quando é retomado o contexto cultural em que se situam os acontecimentos relatados, no qual era escrito um título que fazia menção ao tipo de crime cometido pelo crucificado. Como a escolha de Pilatos foi “Rei dos judeus” para expor os feitos de Jesus, é possível que esta fosse uma maneira de deixar claro a sua crença na inocência de Jesus, e

consequentemente, em sua *normalidade especial*. Essa observação categoriza também uma avaliação evocada, uma vez que é necessário se retomar o contexto para se compreender a narrativa. Além disso, no que diz respeito ao atributo de Messias, percebe-se que Pilatos pode ter utilizado ironia ao declarar que Jesus é “rei dos Judeus”, tornando a avaliação de *veracidade negativa*, mas que pode também o considerar uma autoridade divina, categorizando seu julgamento novamente como de *normalidade positiva*, autoridade com alta posição. O que levou Pilatos a condenar Jesus, não foi acreditar na culpa lançada pelo povo, mas o medo de contrariar outras autoridades que poderiam interpretar a soltura de Jesus como provocação, uma vez que havia possibilidade da acusação de Jesus como opositor ao governo se espalhar, chegando a Cesar.

Assim, entende-se a avaliação de Pilatos acerca de Jesus como positiva, com inclinação para sua inocência, ou seja, aprovação de sua conduta, direcionando o foco à avaliação do governador e não da lei dos judeus. Porém, nessa passagem não há concordância com a tese de João, pois Jesus não é visto claramente por Pilatos como o Filho de Deus. Os recursos utilizados para a avaliação podem ser categorizados como *veracidade positiva* pela convicção de Pilatos acerca da inocência de Jesus, e *negativa* pela falta de evidências de sua crença em Jesus como o Enviado de Deus; de normalidade positiva por ser visto por Pilatos como alguém especial que está acima de um cidadão comum e pela própria inocência.

Diante das passagens analisadas, foi possível observar que nas três primeiras, que equivalem a ciclos de pessoas desconhecidas, amigos, e um grupo que se fez inimigo de Jesus, respectivamente, houve concordância com a defesa de João de que Jesus é o Messias. Porém, na passagem em que Jesus interage com uma figura política, a sua identidade não é defendida por Pilatos de forma clara como o Cristo, mas é visto como inocente, pois suas palavras não o colocam em posição de revolucionário ou opositor ao atual governo. Percebe-se que Pilatos condena Jesus à cruz por pressão dos religiosos, que o fizeram pensar que o ato de livrar Jesus soaria para Cesar como traição.

## 5. CONCLUSÃO

A análise do julgamento de Jesus nessa obra foi feita considerando sua interação com pessoas de diferentes padrões sociais, tais como estrangeiros (a mulher Samaritana), pessoas do convívio de Jesus (consideradas amigos, Marta e Maria), Figuras religiosas (fariseus e sacerdotes) e políticas (Pilatos).

Para isso, foi necessário identificar os critérios de julgamento localizadas nas passagens, interpretá-las para compreender se ele foi avaliado de maneira positiva ou negativa e por fim, se na avaliação dessas pessoas houve indícios da identidade de Jesus como o próprio autor do evangelho defende, saber, como o filho de Deus, o Messias.

Foi observado, neste trabalho, que Jesus foi avaliado de maneira positiva nas quatro passagens. Como as categorias de julgamento avaliam o comportamento de um indivíduo, foi possível observar que não houve falha na conduta de Cristo em nenhuma das passagens, mas, que nas duas últimas, que tratam de grupos religiosos e políticos, a inveja ou receio em perder posição social foi o que os levou a buscar a condenação de Jesus.

Os critérios que cumpriram o papel avaliativo que mais se destacam são os de normalidade, capacidade e tenacidade, por retratar nas passagens a maneira como as pessoas eram conquistadas pelo carisma de Jesus, tanto por suas palavras, como pelas atitudes, que tendem a ser de alguém com uma disposição (tenacidade) e poder (capacidade) para realizar milagres.

Pode ser dito também que das quatro passagens que compõem o *corpus*, duas delas estão em concordância com a perspectiva de João, sendo elas “a mulher Samaritana” e “os amigos de Jesus”. Ainda pode-se dizer que na terceira passagem houve um reconhecimento do grupo religioso acerca da divindade de Jesus, mas que assim como na quarta passagem, a influência de poder que detinham foi o que os impulsionou a declará-lo como culpado, apesar de saberem de sua inocência.

Em suma, essa análise promoveu um olhar sobre a figura de Jesus como de alguém com uma boa conduta, mesmo por aqueles que não creem que ele é o enviado de Deus, o que enfatiza, dessa vez em termos linguísticos, a admiração da comunidade cristã por Jesus Cristo, que não aparece apenas como divindade, mas como um ser humano dotado de qualidades. Percebe-se, assim, a relevância de estudos que avaliam entidades buscando conhecimento de seus contextos.

No que diz respeito a novas pesquisas que contemplem o texto bíblico em uma avaliação sob as lentes da linguística sistêmico-funcional, seria interessante um estudo acerca das categorias de afeto, para avaliar as personagens e suas relações com o protagonista. Também seria conveniente o uso do sistema de gradação para compreender melhor a maneira como o afeto e o julgamento se apresentam e no que implicam.

Portanto, uma vez alcançados os objetivos, esse trabalho torna-se pertinente a pesquisadores que desejem conhecer e estudar o texto sagrado com base em seu contexto. Vale ressaltar que essa pesquisa carrega o significados que são produzidos em um contexto específico, possibilitando uma quebra no paradigma religioso ao qual a bíblia costuma ser associada e permitindo um olhar sem distorções por influência das ideologias do autor.

## REFERÊNCIAS:

BÍBLIA Sagrada. **Almeida Corrigida e Fiel**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BORGES, C. G. S., & PARREIRA, A. S. D. F. (2020). **Uma análise do hino "EU cuido de TI" com base na teoria da linguística sistêmico-funcional e do sistema de avaliatividade**. *Revista Do Sell*, 9(2), 419–434. <https://doi.org/10.18554/rs.v9i2.4953>.

CECCHIN, A. S.; GERHARDT, C. C.; KHUN, M. I. B. **Sistema discursivo de avaliatividade**. In: FUZER, C.; CABRAL, S. R. R. **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria, RS : UFSM, CAL, PPGL, 2023, p. 101-136.

VIAN Jr, O. **Discurso pela perspectiva sistêmico funcional: Os significados além da oração**. In: FUZER, C.; CABRAL, S. R. R. **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria, RS : UFSM, CAL, PPGL, 2023, p. 21-42.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GONÇALVES, J. B. C. **Poder e afeto nas narrativas bíblicas: uma análise da construção do Ethos discursivo nas parábolas contadas por Jesus**. 2006. 350f.- Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza(CE), 2006.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, M.I.M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. Fourth ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.

KEENER, C. S. **The IVP Bible Background Commentary New Testament**. [s.l.] Illinois Intersity Press, 2014.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The language of evaluation: appraisal in english**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: PALGRAVE MACMILLAN Palgrave MacMillan, 2005

MARTIN, J.R.; ROSE, D. **Working With Discourse: Meaning beyond the clause**. London, Continuum, 2003.

OLIVEIRA, D. M. **Sistema de avaliatividade: Aspectos teóricos e práticos**. Italiana: Gepiadde, volume 15, 2014.

SANTOS, F. R. da S. **Construção do conhecimento em textos acadêmicos da área de Linguística: um estudo sistêmico-funcional**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

(UERN), Pau dos Ferros/RN, 2022.

SANTOS, W. S.; SILVA, E. G. **Lepra ou a constituição do imundo**: análise interdiscursiva de texto sacro. 2015 - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Edições UESB.

SILVA, Lisiane B. M. G. **A escrita e a reescrita de textos em contexto acadêmico**: um olhar para os recursos de negociação e de avaliatividade. Dissertação(mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, 2019.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. 3.ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.